

Repensando a Utilidade das Armas Nucleares

A bomba atômica "Little Boy", que foi lançada posteriormente em Hiroshima, sendo preparada em Tinian. À esquerda: o CC A. Birch; à direita, o físico Norman Foster Ramsey.

Ward Wilson

© 2013 Ward Wilson

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Parameters* (Winter/Spring 2013).

Ward Wilson é pesquisador sênior no Centro de Estudos de Não Proliferação do Monterey Institute of International Studies. Sua recente obra, Five Myths About Nuclear Weapons, foi chamada de um "ataque letal contra a justificativa de se manterem armas nucleares." Fez apresentações em Harvard, Stanford, na Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha e no Pentágono, entre outros. Vive e trabalha em Trenton, Nova Jersey.

Os parâmetros da discussão sobre armas nucleares são bem conhecidos e parecem ser relativamente fixos. Não parece ter havido

grandes novidades nessa área nos últimos quarenta anos. A maioria dos acadêmicos do segmento civil perdeu o interesse no tema e voltou seu foco para

outros assuntos. A mente militar, porém, tem o hábito de aprender com o passado; mesmo hoje em dia, ainda existem ensinamentos a serem extraídos das Batalhas de Canas, Waterloo e Vicksburg. Os oficiais dados à reflexão não se surpreenderão em descobrir que o passado tem algo importante e interessante para nos ensinar sobre armas nucleares.

O pensamento convencional é que essas armas são terríveis e provavelmente imorais, mas necessárias. Nós as conservamos por sua especial capacidade para coagir e dissuadir. Existem características psicológicas ligadas a essas armas (como apontou o Secretário da Guerra Henry Stimson na primeira discussão semioficial sobre o tema, em 1947) que as diferenciam das demais¹.

Atualmente, novas evidências estão colocando em dúvida essas conclusões de longa data. Na verdade, não são evidências “novas”, e sim evidências adicionais colhidas de um estudo minucioso do passado.

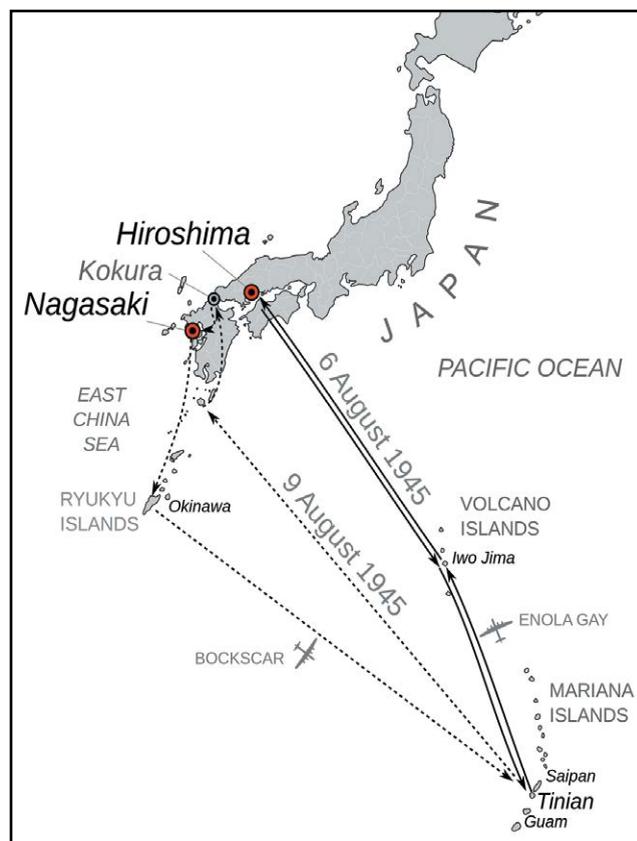
Hiroshima

A primeira e mais importante revisão da história diz respeito à eficácia do bombardeio a Hiroshima e Nagasaki². Contudo, essas novas evidências não têm relação alguma com a escola “revisionista” da história de Hiroshima, a qual remonta a 1964, quando Gar Alperovitz publicou um livro em que afirmava que o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki havia sido desnecessário, pois os japoneses teriam capitulado de qualquer forma³. Esse debate tem gerado polêmica e suscitado fortes emoções por quase cinquenta anos. Contudo, ele não trata, na verdade, das armas nucleares. Os revisionistas argumentam que o lançamento das bombas foi algo terrível e — por não ser necessário para vencer a guerra — imoral. Os antirrevisionistas afirmam que os bombardeios foram necessários e, portanto, morais. Assim, esse debate questiona se os Estados Unidos da América (EUA) agiram moralmente ou não, e não se as armas nucleares funcionam. Novas evidências indicam que, embora tenham destruído as duas cidades, as bombas não desempenharam um papel importante (talvez nenhum) em persuadir a liderança japonesa a capitular.

Nos últimos vinte anos, o crescente acesso a documentos no Japão, na Rússia e nos EUA revelou que, nos três dias após o lançamento da bomba em Hiroshima, os dirigentes do Japão não pensavam em render-se em função do bombardeio⁴. Atas de reuniões, trechos de

diários e as medidas tomadas por vários atores durante esse período mostram que, embora soubessem que Hiroshima havia sido destruída por uma arma nuclear, as autoridades japonesas viram o fato como sendo mais um problema em um conflito já difícil, mas não como uma crise que poria fim à guerra. Com efeito, o Ministro das Relações Exteriores, Togo Shigenori, sugeriu convocar o Conselho Supremo dois dias após o lançamento da bomba em Hiroshima para discutir a questão, mas não foi capaz de gerar interesse suficiente para conseguir incluí-la na pauta.

Entretanto, a União Soviética, que havia firmado um pacto de neutralidade de cinco anos com o Japão em 1941, desencadeou uma crise ao violar o acordo e aderir ao conflito à meia-noite do dia 8 para 9 de agosto. Horas após a notícia alcançar Tóquio, o Conselho Supremo se reuniu para discutir sua rendição incondicional. As evidências hoje disponíveis deixam claro que os dirigentes do Japão se renderam porque a União Soviética entrou no conflito e não por causa dos bombardeios nucleares.



Rotas das missões dos dias 6 e 9 de agosto de 1945, mostrando Hiroshima, Nagasaki e Kokura (objetivo original para o dia 9 de agosto).

Fonte: Wikipédia

Há motivos para se duvidar da história tradicional de que o Imperador ficou horrorizado com o bombardeio de Hiroshima. As evidências documentais nesse sentido são escassas⁵. Além disso, se o Imperador ficou tão comovido, surge uma questão: por que se emocionou tanto com relatos de segunda mão sobre uma cidade destruída em agosto, mas não se abalou ao testemunhar pessoalmente a devastação em Tóquio em março? Não seria lógico esperar que uma experiência direta tivesse um impacto emocional mais forte que um relato de segunda mão⁶?

...a entrada da União Soviética no conflito mudou, decisivamente, o cálculo estratégico...

Em certos aspectos, a nova conclusão sobre Hiroshima faz sentido. Para crer que Hiroshima foi a causa da capitulação do Japão, seria necessário acreditar que os militares japoneses não entendiam de sua profissão. Afinal, a destruição de uma cidade naquele estágio da guerra não seria algo decisivo em termos militares. A Aviação do Exército dos EUA reduziu 66 cidades a escombros e cinzas naquele verão, empregando bombas convencionais.

Por que a perda de mais duas cidades faria diferença? O que está claro é que a entrada da União Soviética no conflito mudou, decisivamente, o cálculo estratégico, ao passo que o lançamento das bombas atômicas, por mais aterrador que tenha sido, não o afetou.

Além disso, a escala dos bombardeios nucleares não foi tão diferente da escala dos ataques convencionais que haviam sido conduzidos durante todo o verão. Se criarmos um gráfico com as baixas ocorridas em todos os 68 ataques a cidades naquele verão, Hiroshima fica em segundo lugar, atrás de Tóquio (que sofreu um ataque convencional). Se criarmos um gráfico comparando a extensão da área destruída, Hiroshima fica em sexto lugar. Em termos de porcentagem destruída, Hiroshima

fica em 17º lugar. Claramente, o resultado não ultrapassou os parâmetros de ataques anteriores.

Evidentemente, os dirigentes do Japão, a começar pelo Imperador, declararam repetidas vezes que as bombas atômicas foram decisivas, obrigando-os a render-se. Isso faz certo sentido. Coloque-se no lugar deles. O que teria preferido dizer? “Cometemos erros estratégicos. A Marinha e o Exército nunca conseguiram cooperar de forma adequada em missões conjuntas. Seu governo e seus militares fracassaram.” Ou teria preferido dizer: “O inimigo obteve um incrível avanço científico, que ninguém poderia ter previsto, e inventou uma arma milagrosa, e é por isso que perdemos”? A bomba atômica ofereceu uma explicação perfeita para a derrota.

O que essa reconsideração das evidências históricas significam hoje? A doutrina e a tática para o emprego de armas nucleares mudaram significativamente nos últimos 68 anos. Entretanto, é importante lembrar que Hiroshima e Nagasaki são os únicos testes de campo dessas armas. Nossa crença na sua capacidade psicológica especial para coagir e dissuadir — alicerça da teoria da dissuasão — baseia-se quase totalmente nesse único acontecimento⁷. Talvez tenhamos superestimado a capacidade dessas armas para dissuadir ou intimidar adversários. De qualquer maneira, por uma simples questão de cautela, faz-se necessário conduzir uma reavaliação básica da política de dissuasão nuclear, se pretendemos nos apoiar nessas armas para nossa segurança.

Crise dos Mísseis de Cuba

A segunda revisão importante de ideias anteriores diz respeito às crises da Guerra Fria. A maioria das pessoas acredita que as evidências com elas relacionadas demonstram que a dissuasão nuclear controla a violência de forma confiável em uma crise. A Crise dos Mísseis de Cuba ilustra a questão. A ideia de que a crise e seu resultado apoiam a conclusão de que a dissuasão nuclear funciona é vista como algo axiomático. Afinal, os soviéticos introduziram mísseis em Cuba sorrateiramente; houve o risco de uma guerra nuclear; e, então, eles os removeram. Esse é o modo pelo qual a dissuasão, supostamente, funciona: um dirigente vê o perigo de uma guerra nuclear e recua. Entretanto, embora o comportamento de Khrushchev possa ser visto como uma evidência em apoio à teoria

da dissuasão nuclear, não se pode afirmar o mesmo em relação a Kennedy⁸.

O Presidente Kennedy estava diante de uma crise. Sabia que, se estabelecesse um bloqueio contra Cuba, daria início a uma crise que poderia levar à guerra nuclear. Em uma semana de discussões secretas que levaram à sua decisão, o Presidente e seus assessores aludiram à possibilidade de uma guerra nuclear 60 vezes⁹. Contudo, apesar do perigo, Kennedy foi em frente, sem recuar. Como isso se alinha com a teoria da dissuasão nuclear?

Estudos recentes sobre a crise, especialmente a fascinante obra de Michael Dobbs, *One Minute to Midnight* [publicado no Brasil com o título *Um Minuto para a Meia-Noite: Kennedy, Kruchev e Castro à Beira da Guerra Nuclear*, pela Editora Rocco — N. do T.], revelam que a Crise dos Mísseis de Cuba

ficou a um triz de provocar a guerra nuclear em três ocasiões diferentes¹⁰. A guerra nuclear foi evitada não pelo fato de que a dissuasão nuclear tenha funcionado, e sim pelo acaso.

O exemplo mais claro vem de uma missão rotineira de amostragem de ar sobre o Polo Norte por um avião de espionagem U-2 no auge da crise. Quando houve um problema no funcionamento da navegação e o avião adentrou quase 500 quilômetros no espaço aéreo russo, os soviéticos apressaram-se em enviar aeronaves MiG para abatê-lo. Por sua vez, os EUA apressaram-se em enviar caças, do Alasca, para escoltar o U-2 de volta. Só que isso ocorreu no auge da crise e, por isso, os mísseis ar-ar convencionais haviam sido substituídos por mísseis ar-ar nucleares nos caças norte-americanos. Os caças norte-americanos não tinham nenhum outro armamento a não ser os mísseis nucleares, caso se deparassem com caças soviéticos. Felizmente, não houve tal encontro¹¹.

Fica claro, porém, que Robert Kennedy estava certo ao afirmar, mais tarde: “O Presidente Kennedy havia dado início ao curso dos acontecimentos, mas não tinha mais o controle sobre eles”¹². O Presidente Kennedy tomou medidas que apresentavam o risco de uma guerra nuclear (e quase a provocaram). Se a dissuasão nuclear leva os governantes a enxergar o risco da guerra nuclear e recuar, como podemos explicar as ações de Kennedy?

Há dois elementos marcantes sobre essa reinterpretação da Crise dos Mísseis de Cuba. O primeiro é a evidente falha da dissuasão nuclear — a qual não chegou a levar à guerra nuclear, mas que é, ainda assim, uma falha. O mais interessante é o fato de que historiadores e analistas de políticas públicas costumam ignorar esses fatos. Uma análise da Guerra Fria revela que esses mesmos dois elementos se repetem em outras crises: ações arriscadas e agressivas são tomadas apesar do perigo de uma guerra nuclear e há uma clara tendência a ignorar ou a buscar justificar essas falhas.

A conclusão extraída dessas novas pesquisas sobre a Guerra Fria não é que a dissuasão nuclear não funcione. Não há dúvida de que a dissuasão comum funciona pelo menos parte das vezes. Não é perfeita. Há pessoas que cometem homicídios, apesar da existência de punições severas, que deveriam dissuadi-las; todavia, está claro que essas penalidades funcionam parte das vezes. O mesmo se aplica à dissuasão nuclear. Uma guerra nuclear é uma possibilidade assustadora que poucos



Biblioteca do Congresso dos EUA

Mulheres da organização *Women Strike for Peace* na rua 47, perto do prédio, da ONU seguram placas relacionadas à Crise dos Mísseis de Cuba e à paz / *World Telegram & Sun* - Foto de Phil Stanziola.

podem ignorar. O que esses novos estudos revelam é que a taxa de falhas da dissuasão nuclear é possivelmente mais alta do que a teoria admite.

A dissuasão nuclear precisa ser perfeita ou quase perfeita. Uma guerra nuclear total e catastrófica poderia resultar de qualquer falha na dissuasão nuclear; assim, há pouca margem para erros. Pode-se dizer que, no caso da dissuasão nuclear, falhar não é uma opção aceitável. Contudo, esses casos documentados de falhas levantam a possibilidade de que tivemos muito mais

sorte — e corremos muito mais riscos — do que imaginávamos. Se a dissuasão nuclear tem uma alta taxa de falhas, continuarmos a depender dela para a segurança dos EUA parece garantir uma futura falha catastrófica.

Um dos maiores pontos fortes da mente militar é sua insistência no pensamento calcado na experiência. No caso das armas nucleares, tem havido muita teoria historicamente, mas bem menos em termos de uma reflexão sensata e pragmática. Está na hora de uma análise um pouco mais pragmática. ■

Referências

1. Henry L. Stimson, "The Decision to Use the Atomic Bomb", *Harper's Magazine*, 194/1161 (1947): p. 97-107.

2. Veja o primeiro capítulo de Ward Wilson, *Five Myths About Nuclear Weapons* (New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013) e Ward Wilson, "The Winning Weapon? Rethinking Nuclear Weapons in Light of Hiroshima", *International Security* 31, no. 4 (Spring 2007): p. 162-179.

3. Gar Alperovitz, *Atomic Diplomacy: Hiroshima and Potsdam; the Use of the Atomic Bomb and the American Confrontation With Soviet Power* (New York: Simon and Schuster, 1965).

4. Para novas pesquisas, que foram as primeiras a questionar o papel da bomba e a enfatizar o papel da União Soviética (em maior ou menor medida), veja: John W. Dower, *Japan in War and Peace: Selected Essays* (New York: W.W. Norton, 1993); Robert A. Pape "Why Japan Surrendered", *International Security* 18, no. 2 (Fall 1993): p. 154-201; Edward J. Drea, *In the Service of the Emperor: Essays on the Imperial Japanese Army* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1998); Sadao Asada, "The Shock of the Atomic Bomb and Japan's Decision to Surrender: A Reconsideration", *Pacific Historical Review* 67, no. 4 (November 1998): p. 477-512; Richard B. Frank, *Downfall: The End of the Imperial Japanese Empire* (New York: Random House, 1999); Herbert P. Bix, *Hirohito and the Making of Modern Japan* (New York: HarperCollins, 2000); Forrest E. Morgan, *Compellence and the Strategic Culture of Imperial Japan: Implications for Coercive Diplomacy in the Twenty-first Century* (Westport, CT: Praeger, 2003); e Tsuyoshi Hasegawa, *Racing the Enemy: Stalin, Truman, and the Surrender of Japan* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005). Um resumo especialmente útil e detalhado de pesquisas recentes que inclui cópias de vários documentos de fontes primárias consta de William Burr, ed., "The Atomic Bomb and the End of World War II: A Collection of Primary Sources", *National Security Archive Electronic Briefing Book* No. 162, National Security Archive, Aug. 5, 2005, <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB162/index.htm>.

5. O que sabemos é que o Imperador enviou várias mensagens para seu ajudante, solicitando mais informações sobre o

bombardeamento de Hiroshima. Isso pode indicar preocupação e horror. Também pode ser um sinal de algo não emocional como o desejo de entender as capacidades estratégicas da arma.

6. Especialmente após o bombardeio, as ruas de Tóquio ficaram cobertas com os corpos queimados dos mais de cem mil mortos nos incêndios. O número de mortos foi tamanho que foram necessários 14 dias para retirar todos os corpos das ruas. O Imperador visitou a cidade oito dias após o bombardeio. Assim, é possível que ele não só tenha visto os danos causados à cidade, mas também alguns dos corpos dos que haviam sido mortos no ataque.

7. Pode-se argumentar, é claro, que nossa crença na dissuasão nuclear baseia-se no êxito da dissuasão comum: dissuadir pessoas de cometerem crimes, por exemplo. Contudo, a dissuasão comum falha com frequência. Há muitos homicídios, mesmo em Estados com a pena de morte. Pode-se argumentar que a fé na dissuasão nuclear advém do êxito nas crises da Guerra Fria. Entretanto, como a dissuasão ocorre na mente de um adversário, essa evidência não é muito confiável. A melhor evidência sobre o impacto psicológico do emprego de armas nucleares em tempo de guerra é o real emprego de armas nucleares em tempo de guerra.

8. Embora nem o comportamento de Khrushchev seja, necessariamente, prova de que a dissuasão nuclear tenha funcionado. Pode-se argumentar, afinal, que Khrushchev retirou os mísseis porque gostou do acordo obtido: uma promessa de não invadir Cuba e um compromisso com a retirada de mísseis da Turquia.

9. Veja Ernest R. May e Philip D. Zelikow, *The Kennedy Tapes: Inside the White House During the Cuban Missile Crisis, The Concise Edition* (New York: W.W. Norton & Company, 2002).

10. Michael Dobbs, *One Minute to Midnight: Kennedy, Khrushchev, and Castro on the Brink of Nuclear War* (New York: Vintage Books, 2008).

11. *Ibid.*, p. 264.

12. Robert F. Kennedy, *Thirteen Days: A Memoir of the Cuban Missile Crisis* (New York: Signet Books, 1968), p. 70-1.